

Eixo Capital



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Eles querem voltar em 2022

O eleitor optou pela novidade em 2018. Preferiu não votar em políticos tradicionais, conhecidos, com história. Assim, afastou da vida pública muitos candidatos que caminhavam havia anos entre mandatos e reeleições. Agora, a situação mudou. Pesquisas analisadas por especialistas em campanhas indicam que o eleitorado está desconfiado de neófitos que não têm resultados a apresentar. Nessa onda, alguns

políticos de Brasília tentam retornar ao cenário. Alguns tentam pegar uma carona com a disputa presidencial e uma novidade surge nesta campanha: a volta do ex-presidente Lula. Sem condenações e com o discurso de injustiçado, o petista é um diferencial de 2022 em relação a quatro anos antes, quando estava condenado e inelegível. O resultado desse caldo saberemos em outubro. Veja quem quer voltar:

Barbara Cabral/Esp. CB/D.A Press



Rodrigo Rollemberg (PSB)

Derrotado nas urnas no segundo turno em 2018 pelo então novato Ibaneis Rocha (MDB), Rodrigo Rollemberg está há três anos sem mandato. Ele se prepara para concorrer a uma vaga de deputado federal, com a orientação do partido para eleger uma bancada grande na Câmara, o que fortalece as legendas, com poder no Congresso e aumento de recursos partidários e eleitorais. Mas recentemente ele passou a ser incentivado a mudar os

planos e concorrer novamente ao Palácio do Buriti. A análise é de que todos que se apresentam como adversários de Ibaneis terão dificuldades para unir um grupo forte para se contrapor à reeleição do governador. Rollemberg pode liderar uma frente de centro-esquerda e ainda contar com o apoio de Lula. Ele ouviu conselhos antes do Natal. Não disse nem sim, nem não.

Luis Tajés/CB/D.A Press



Agnelo Queiroz (PT)

O ex-governador Agnelo Queiroz foi bombardeado por denúncias de superfaturamento no estádio Mané Garrincha, foi alvo de buscas e apreensões da Operação Panatenaico, um desdobramento da Lava-Jato, e sofreu uma

condenação da justiça eleitoral. Ficou inelegível na última eleição. Mas agora aposta numa reviravolta. A Lava-Jato já não tem mais a mesma força popular e os advogados do petista acreditam que poderão rever a inelegibilidade de Agnelo. Assim, ele vai tentar disputar um mandato de deputado federal.

Iano Andrade/CB/D.A Press



Tadeu Filippelli (MDB)

Ex-deputado distrital, ex-deputado federal e ex-vice-governador, Tadeu Filippelli também sofreu pelos desdobramentos da Operação Lava-Jato. Desgastou-se e terminou a eleição de 2018 como suplente da deputada federal Celina Leão (PP-DF). Afastou-se do governador Ibaneis Rocha e está trabalhando muito para voltar a um mandato. Ele tem andado tanto pelas

idades, que recentemente postou no Instagram a foto de um furo na sola do sapato. Com as mudanças no cenário político, vai tentar um mandato de deputado federal ou até, quem sabe, distrital.

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Rogério Rosso (PSD)

O ex-governador e ex-deputado federal Rogério Rosso (PSD) perdeu a disputa ao Palácio do Buriti em 2018 e ficou sem mandato. Passou a trabalhar na indústria farmacêutica, ao lado do grande patrocinador de seu grupo político, Fernando Marques, dono da União Química, mas não esqueceu a

política. Com o recall da última eleição, quando terminou a disputa em terceiro lugar, com 11,24% dos votos válidos, deve tentar um mandato de deputado federal.

Minervino Junior/CB/D.A Press



Alberto Fraga (DEM)

O ex-deputado federal Alberto Fraga disputou mandato de senador e governador. Na última eleição, chegou a crescer bastante, mas acabou afundando numa condenação judicial, depois revista. Amigo

do presidente Jair Bolsonaro, chegou a ser cotado para assumir um ministério. Mas não passou de uma possibilidade. Agora Fraga quer voltar. Vai tentar um novo mandato de deputado federal.

Ana Rayssa/CB/D.A Press



Eles não querem voltar

Entre os que estão no caminho inverso, dois políticos que já exerceram vários mandatos pensam em não voltar às urnas em 2022. O ex-governador e ex-senador Cristovam Buarque (Cidadania-DF) ainda analisa o cenário, para tomar uma decisão. Mas ele sabe que a conjuntura não é favorável. Pensa em não se candidatar. O ex-deputado Augusto Carvalho (Solidariedade) também não quer concorrer. Ele tem

mandato até 2023 como presidente da Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil (Anabb) e pretende chegar ao final.

Ed Alves/CB/D.A Press



Ibaneis faz balanço do mandato

No último dia de 2021, o governador Ibaneis Rocha (MDB) divulgou um balanço dos três anos de mandato. Veja alguns pontos abordados:

Entregas

Túnel de Taguatinga e o viaduto do Sudoeste são as duas principais obras que o governador Ibaneis Rocha deverá inaugurar em meados de 2022.

Sem aumento de tarifas

O governador Ibaneis Rocha prometeu que não haverá aumento de tarifa de ônibus neste ano. "Estamos com as nossas tarifas equilibradas. Tivemos alguns problemas no final do ano e houve uma complementação tarifária que foi feita com orçamento do Distrito Federal exatamente para que a gente não tenha aumento no valor das tarifas. Estamos vivendo um período de muito desemprego e muita dificuldade e tudo o que a gente não quer neste momento é um aumento de tarifa de ônibus".

Desoneração tributária

A política de incentivos fiscais vai continuar. Ibaneis disse que tem cobrado menos impostos em alguns setores e a medida tem rendido frutos para os cofres públicos. "O retorno tem sido positivo. Estamos arrecadando mais do que antes, cobrando menos e arrecadando mais. O efeito tem sido muito favorável da balança para o DF. Vamos continuar fazendo", disse. E acrescentou: "Isso é uma política liberal da qual eu sou extremamente favorável. O Brasil perde muito em não fazer uma reforma tributária de verdade".

Terceira parcela de reajuste

Ibaneis reafirmou que vai pagar a terceira parcela de reajuste dos servidores públicos em abril. Não há risco de atraso no pagamento de nenhum salário.

Nota 8 para a gestão da pandemia

Para o governador, no balanço geral, a gestão da crise provocada pela covid-19 vale uma nota 8. "Nós tivemos vários momentos de muitas dificuldades, principalmente quando o número de leitos foi reduzido. Mas avançamos muito nessa questão da saúde, conseguimos agir rápido para atender a população. Ficou um saldo negativo na questão da saúde porque você deixa de atender as cirurgias eletivas, aquelas mais simples para poder atender os pacientes de covid que estavam necessitando de UTI, mas no cômputo geral, acho que saímos bem. Uma coisa que revela isso é que, agora no fim do ano, tive o prazer de ser homenageado por quase todas as federações do DF, pela Fibra, Fecomércio, CDL. Ficou claro que o que foi feito era o necessário".



MANDOU BEM

O filme *Não olhe para cima* é um choque por mostrar de forma irônica uma realidade no Brasil: negacionismo, lavagem cerebral, inversão de prioridades, violação ao interesse público, corrupção, busca a qualquer custo pela audiência e descaso com a ciência.



MANDOU MAL

O governo federal negou autorização de envio de ajuda humanitária da Argentina às cidades afetadas pelas chuvas na Bahia, estado comandado por político de partido adverso, onde mais de 400 mil pessoas foram afetadas pelos temporais e inundações.

Alan Santos/PR



"Não apoiamos o passaporte vacinal, nem qualquer restrição àqueles que não desejam se vacinar. Também, como anunciado pelo ministro da Saúde, defendemos que as vacinas para as crianças entre 5 e 11 anos sejam aplicadas somente com o consentimento dos pais e prescrição médica. A liberdade tem que ser respeitada"

Presidente Jair Bolsonaro

Barbara Cabral/Esp. CB/D.A Press



"Bolsonaro disse que 'não há morte de criança que justifique vacina emergencial'. O Brasil registrou 1 óbito de criança por covid a cada 2 dias desde o início da pandemia. Vacinar é urgente e não cabe ao presidente impedir que pais e mães protejam os próprios filhos"

Deputado Marcelo Freixo (PSB-RJ)

SÓ PAPOS



À QUEIMA-ROUPA DÉLIO LINS E SILVA JÚNIOR Presidente reeleito da OAB-DF



Divulgação/Délio Lins e Silva Júnior



Presidente da OAB/DF, em minha opinião, deve deixar suas convicções políticas ou partidárias do lado de fora da Casa. Essa postura eu cobro de mim mesmo e de todos que militam comigo na Casa"

Depois de uma campanha dura no embate, você assume, nesta segunda-feira, o segundo mandato. Ficaram sequelas que podem atrapalhar a sua gestão? Sempre digo que após a campanha, somos todos advogados e advogadas. Não temos inimigos. Temos, no máximo, adversários políticos, que divergem de algumas das nossas ideias. Para se ter uma noção, nossa diretoria pinça sugestões de outros grupos que possam ser implementadas com sucesso. Somos sempre parceiros das boas ideias e críticos das injustiças. Assim seguiremos, de portas abertas para todos.

Qual será sua primeira medida à frente da OAB-DF?

Estamos encampando, desde o primeiro mandato, a luta pela advocacia dativa remunerada no DF. É uma medida urgente e muitos estados já têm como realidade. É um objetivo urgente e estamos forçando o GDF a abraçar a causa.

Um grupo de advogados prestou uma homenagem ao ex-presidente Lula em São Paulo. Acredita que em Brasília os advogados vão se engajar na campanha local e nacional de 2022?

Presidente da OAB/DF, em minha opinião, deve deixar suas convicções políticas ou partidárias do lado de fora da Casa. Essa postura eu cobro de mim mesmo e de todos que militam comigo na Casa.

Todos têm direito a ter suas convicções, mas elas não podem de modo algum ser projetadas na casa da advocacia porque isso atrapalharia nossa independência. Esse é um aspecto inegociável em nossa gestão.

A OAB vai participar? De que forma?

Não participa pelos motivos expostos, mas nossas comissões acompanharão

com olhar técnico, buscando a preservação do espaço democrático, para possibilitar o espaço de debate e ajudar as pessoas na escolha de seus votos.

Quais são os desafios dos advogados neste período em que a pandemia diminuiu sua força pela vacinação, mas ainda não acabou?

A advocacia vive ainda a crise deixada pelo pingo da pandemia, mas estamos olhando para frente, para a recuperação do mercado e para as oportunidades vindouras. O desafio é a capacitação para os novos mercados, o fomento de oportunidades, o respeito ao piso salarial no cenário de pouco emprego e muitos

outros. Vamos endereçar cada um deles nessa gestão, para conduzir a advocacia a um capítulo mais feliz para essa geração, se Deus quiser já numa situação de pós-crise.

Acredita que a paridade de gêneros vai permanecer nas eleições da Ordem?

Quem acha que essa pauta é modismo, vai tomar um susto. Pessoalmente fico satisfeito em ver as mulheres ganhando espaços de destaque e mostrando sua força. É positivo para a sociedade e os resultados são igualmente extraordinários. Não apenas a paridade veio para ficar como penso que podemos influenciar outros setores nesse sentido. E tenho orgulho demais em dizer

que a OAB/DF já paritária por opção política, foi das maiores protagonistas nesta luta.

E a cota para negros e pardos que provocou tanta controvérsia?

Estamos atrasados como sociedade. A inclusão está vindo de forma tardia e a controvérsia, em minha opinião, já nasce obsoleta. Aqui trabalhamos lado a lado e pouco nos importou a cota porque já tínhamos representação maior que ela em nosso grupo. Se você for observar nossos resultados na última gestão e, arrisco dizer, se observar o fim dos próximos três anos, vai perceber que trazer a diversidade, em todos os sentidos, só agrega. Tomara que todos percebam isso o quanto antes.